

**"Em aviões, os comissários só falam comigo em inglês, o que é insuportável"**

Milton Santos, geógrafo



**17%** dos homens negros acham que a dificuldade de acesso a escolas é o maior problema

# Pesquisa reforça preconceito, diz geógrafo

Para Milton Santos, professor-titular da USP, 'não era necessário' o Datafolha tentar quantificar o racismo

Da Reportagem Local

Milton Santos, professor-titular de geografia humana da USP, acha que a pesquisa do Datafolha reforça a intolerância contra os negros por não definir claramente alguns conceitos fundamentais, como preconceito e discriminação.

Ex-professor da Sorbonne (Paris), Columbia (Nova York) e Dar-es-Salaam (Tanzânia), Santos, 69, é hoje uma das mais respeitadas figuras de sua área no mundo. No ano passado, recebeu na França o prêmio Vautrin Lud, o Nobel da geografia.

Santos é negro, casado com uma francesa, e pai de dois filhos.

Abaixo, trechos de entrevista à Folha feita no último dia 16:

(Maurício Stycer)

**Folha - O sr. poderia comentar números que mostram o racismo de negros contra negros?**

Milton Santos - Eu não estou seguro que a Folha esteja tratando corretamente a questão. O nível de imprecisão com que a palavra "preconceito" foi utilizada inutiliza muitos dos resultados.

**Folha - Por exemplo?**

Santos - Toda pesquisa. O que é admitir preconceito? Falta essa definição.

**Folha - Qual o problema com a palavra "preconceito"?**

Santos - Essa palavra não quer dizer nada e quer dizer tudo. Portanto, não se presta a ser usada numa pergunta.

**Folha - O sr. conhece algum termo melhor?**

Santos - Não. Esse teria que ser definido melhor. A maior parte das questões colocadas servem a uma estratégia de marketing, não a um trabalho social. Essa é a minha crítica central. Admito que o jornal se interesse por marketing.

**Folha - Constar o racismo é marketing?**

Santos - Não. Marketing é fazer perguntas apenas sobre o discurso e não sobre o comportamento. Estou exagerando, porque há perguntas sobre comportamento. Já estou pensando na próxima, que eu sei que a Folha vai fazer.

**Folha - Quando o Datafolha pergunta se o entrevistado con-**

corda com a frase "Negro bom é negro de alma branca"...

Santos - Eu não vejo mais interesse nesse tipo de frase. Isso vai ajudar a resolver a questão? Temos que ultrapassar essa fase.

**Folha - E ir em qual direção?**

Santos - Acho que o resultado dessa pesquisa é criar outros preconceitos. Pior do que os anteriores, porque aparentemente se tornam científicos. Eu, portanto, primeiro contesto a idéia de pesquisa para testar esse tipo de questão.

**Folha - O sr. não acha que essa pesquisa ajuda a tornar público algo que é subterrâneo?**

Santos - Mas quase todas as perguntas repetem os preconceitos. Os que idealizaram a pesquisa não tiveram imaginação para inventar outras coisas a partir da realidade. Não houve esforço inovador. É uma pesquisa cara, dá para notar, só que vai reforçar preconceitos.

**Folha - No momento em que se constata, através da pesquisa, que a maioria dos brancos brasileiros manifesta algum preconceito em relação aos negros...**

Santos - Mas vocês não trabalharam isso. O trabalho pára aí, nessa constatação. Essa pesquisa é um esforço importante, mas largamente insuficiente. É uma pesquisa fundada nos preconceitos. Para saber que o brasileiro é racista não precisava fazer essa pesquisa.

**Folha - Mas nunca havia sido quantificado esse racismo.**

Santos - Não era necessário.

**Folha - O sr. conhece algum estudo que mostre isso?**

Santos - Pesquisa não é estudo. Há dezenas de teses que mostram isso. Quantificar é até pior. Porque, como não é estudo, ela prestigia o resultado que não tem obrigatoriamente validade. Faltou esse cuidado na pesquisa.

**Folha - Qual a importância das comemorações dos 300 anos de Zumbi?**

Santos - O centenário da Abolição, em 1988, deu lugar a comemorações, a festas, a imprensa se ocupou do assunto e depois nada. Eu tenho medo que esses 300 anos de Zumbi dêem na mesma coisa. Não dá mais para ficar só na constatação do racismo.

**Folha - O que o sr. acha que é**



O geógrafo Milton Santos, da USP, em sua casa, em SP

preciso fazer para sair daí?

Santos - Haveria que se encontrar um projeto no qual a cidadania limitada do negro fosse objeto de medidas objetivas. Por exemplo: Como é que eu faço para que a USP tenha mais alunos negros?

**Folha - O sr. defende o chamado sistema de cotas?**

Santos - Essa pergunta gera um bloqueio do debate. Porque você só tem duas formas de responder: sim ou não.

**Folha - Qual seria a pergunta correta?**

Santos - O que eu devo fazer para que o negro entre e permaneça na universidade? A resposta seria: com políticas compensatórias. O mundo inteiro tem políticas compensatórias de conquista social. Não me refiro aos negros.

**Folha - O sr. não está falando de reparações?**

Santos - A reparação é necessária. Na medida em que uma comunidade é secularmente posta à margem, a nação tem que se ocupar dela. Os negros não são integrados no Brasil. Isso é um risco para a unidade nacional.

**Folha - O sr. poderia dar exemplos de medidas reparadoras concretas?**

Santos - As grandes universidades brasileiras são a cada ano mais elitistas, não do ponto de vista intelectual, mas do ponto de vista sócioeconômico. É inaceitável haver uma educação para um tipo de pessoas e outra para outro tipo de pessoas. Com a saúde também. Para ficar doente e ser bem tratado no Brasil você precisa ser minis-

tro! As políticas compensatórias servem para manter a coesão.

**Folha - O sr. já viveu na França, nos EUA, no Canadá, na Tanzânia. Qual é a especificidade do racismo brasileiro?**

Santos - Aqui é natural os negros serem tratados de forma subalterna. Você não tem como reclamar. Se você protesta, é visto como alguém que está perturbando o "clima agradável" que possa existir nesse ou naquele lugar.

**Folha - Aqui no seu prédio convivem, porta a porta, um elevador com placa "social" e outro "de serviço". O sr. nunca protestou contra isso?**

Santos - Sim. Já pedi para tirarem. Nos foi dito, então, que colocássemos os empregados para comerem conosco na mesa. Uma típica confusão entre o público e o privado, que só o brasileiro faz. A nossa sociedade é bastante tranquila em relação à miséria.

**Folha - Como assim?**

Santos - Só no Brasil e nos EUA a exclusão aparece como algo natural. Só que nos EUA você tem iniciativas fortes para contrariar essa tendência à exclusão. O grave é que nesses dois países as diversas formas de exclusão encontram apoio da ciência.

Essa é a minha crítica à pesquisa da Folha. Ela pode ser uma contribuição para dar respaldo científico a formas de expressão da exclusão, se não for acompanhada de uma outra coisa.

**Folha - O quê?**

Santos - Como é que se manifesta essa vontade de excluir.

**Folha - Mas isso aparece na pesquisa. A questão do casamento intraracial, dos vizinhos...**

Santos - Sim. Não estou dizendo que nada está certo. Estou pedindo mais. Acho que é o momento de pedir mais.

**Folha - Não sou especialista, mas há limitações nesse tipo de pesquisa quantitativa.**

Santos - Também não sou. No caso do Brasil, a discussão deveria passar também pela ideologia da democracia racial, elaborada há três séculos na Bahia e que o país todo aceitou. Está na hora de agir. É nesse sentido que eu acho a palavra preconceito insuficiente. A

pesquisa faz a contabilidade de algo que não foi definido.

**Folha - Essa ideologia de três séculos é responsável pelo racismo de negros contra negros?**

Santos - Vivendo dentro de uma sociedade bárbara, eu sou objeto dessa sociedade. Mas não usaria a palavra racismo. Não é isso.

**Folha - É o quê?**

Santos - Sei que não é fácil. Com frequência há mais preconceito do que discriminação.

**Folha - No seu contato com a comunidade negra, o que o sr. tem visto?**

Santos - Há um cansaço, uma consciência de não pertencer completamente à sociedade brasileira... Prefiro fazer compras em Nova York do que em São Paulo.

**Folha - O sr. é maltratado?**

Santos - Olhado com desconfiança. Parece que isso faz parte do ethos (caráter peculiar a determinado povo). A grande aspiração do negro brasileiro é ser tratado como um homem comum.

**Folha - Quando mais o sr. não é tratado como homem comum?**

Santos - Em aviões. Os comissários só falam comigo em inglês, o que é insuportável. Há duas semanas, num avião da Varig em Paris, reclamei em português sobre o meu lugar. Ele respondeu em inglês. Eu disse: "Não fale em inglês". Ele respondeu: "O sr. me desculpe, mais ainda não sei falar francês." Isso é preconceito? Isso é discriminação?

**Folha - O que é?**

Santos - Ele não sabia que estava me chateando. Mas me chateei. Como eu posso pedir que as pessoas sejam amáveis com os negros em shopping-centers? Não tenho como pedir. Por enquanto não tem solução.

**Folha - O sr. acha que deveria haver alguma iniciativa do tipo Ministério do Negro?**

Santos - Não. Isso seria criar um gueto. Mas creio que a questão do negro não pode mais ficar no Ministério da Cultura. Não é uma questão de cultura. Tem que ser do Ministério da Justiça. A solução é via a política.

# 55% dos negros querem reserva de vagas

Da Reportagem Local

A idéia de uma legislação que assegure vagas para os negros nas escolas e no trabalho é apoiada pelos entrevistados. Entre os negros, 55% deles disseram concordar totalmente ou em parte com a obrigatoriedade de quotas.

Outros 44% discordaram da idéia. A medida que aumenta o nível de escolaridade, cresce o número de negros que discorda do sistema de vagas.

Para Carlos Eduardo Uchoa Fagundes, um dos diretores da Fiesp - Federação das Indústrias do Estado de São Paulo - , mais importante do que quotas seria dar oportunidades a todos.

No seu conceito, não há discriminação racial no país, mas uma diferença cultural e de aptidão: "Os japoneses são mais hábeis em coisas pequenas e delicadas, os negros têm mais facilidade no serviço pesado."

A comunidade negra e o movimento sindical estão há dois anos discutindo o assunto. "Temos que

lutar primeiro para que haja um reconhecimento de que discriminação existe", diz Ivair Augusto Alves dos Santos, militante negro.

Já para Vicentinho, presidente da CUT, "as quotas não seriam necessárias se houvesse oportunidades para todos". "Mas diante de tantas diferenças, seria interessante que a sociedade garantisse mecanismos de igualdade."

Fulvia Rosemberg, pesquisadora da Fundação Carlos Chagas e professora de psicologia social da PUC de São Paulo, e a socióloga Regina Pahim Pinto, pesquisadora da mesma fundação, afirmam que as crianças pretas e pardas começam a perder a corrida para as brancas já na pré-escola.

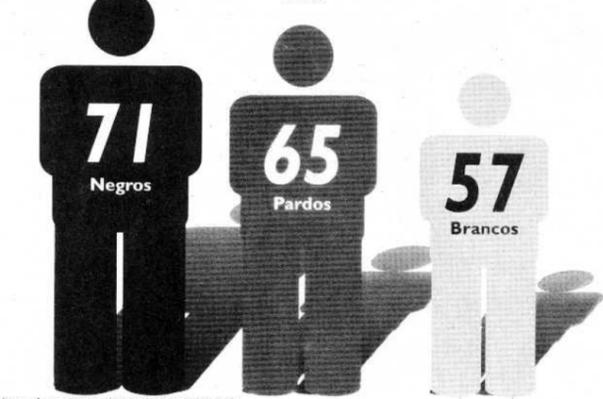
Em São Paulo, 50% das crianças em creches são negras, duas vezes mais que a proporção de pretos e pardos da cidade. Para Rosemberg, "a política social brasileira é de pobre para pobre. Escola para pobre é pobre, ônibus para pobre é pobre, equipamento é pobre."

## O FUNIL DO BANCO ESCOLAR

A escolaridade, segundo cor auto-atribuída pelo critério do IBGE

ATÉ 1º GRAU \*

Em %



\* completo e incompleto (inclusive analfabetos)

ATÉ 2º GRAU \*\*

Em %



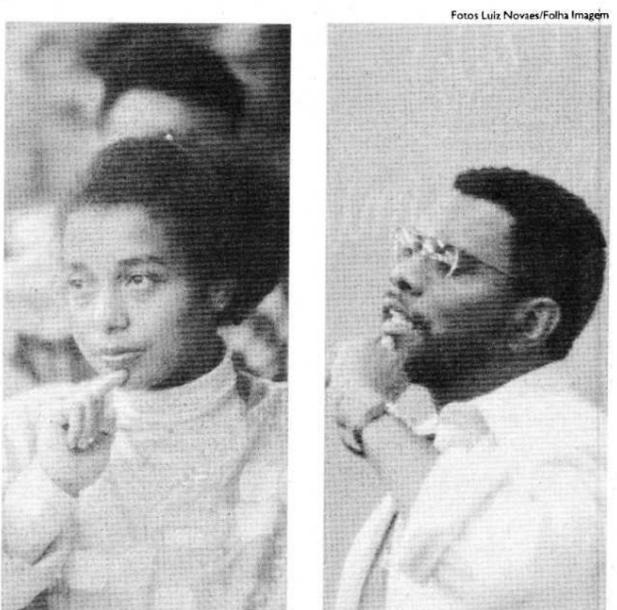
\*\* completo e incompleto

CURSO SUPERIOR \*\*

Em %



Fonte: Datafolha



A estudante Rosemeire

O professor Luiz Carlos

## USP abriga 'cursinho negro'

Da Reportagem Local

A Universidade de São Paulo tem cerca de 50 mil estudantes. O número de negros entre eles não chega a 2%. É lá que funciona um cursinho vestibular para negros, patrocinado pelo Núcleo de Consciência Negra.

A estudante Generosa Maria de Souza Lima, 19, trabalha de dia e estuda à noite. "O curso me caiu do céu." Ela quer ser antropóloga. Imagina-se visitando tribos e estudando o comportamento das pessoas.

Rosemeire dos Santos, 25, terminou um curso técnico de contabilidade quatro anos atrás mas só conseguiu emprego de doméstica.

Rosemeire quer ser advogada pela Faculdade de Direito do Largo São Francisco.

Marisa Mateus dos Santos fez um curso de enfermagem e esperou os filhos crescerem para terminar o segundo grau. Sete anos depois, decidiu fazer um cursinho e tentar o vestibular. Quer fazer direito na USP.

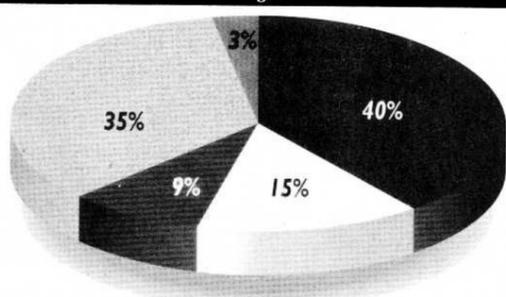
Como muitas mulheres negras, Marisa é chefe de família. Separou-se quando os filhos ainda eram pequenos. Ela tem planos para os próximos anos: vai se aposentar da prefeitura daqui a cinco anos, quando estará terminando a faculdade, imagina. "Vou poder adotar em tempo integral", afirma.

## NEGROS DEFENDEM QUOTAS

O que acham da reserva de vagas no trabalho e na escola para os negros, em %\*

Concordam totalmente, Discordam em parte, Não sabem, Concordam em parte, Discordam totalmente

Negros



\* Resposta estimulada e única, por cor auto-atribuída

Fonte: Datafolha